

Coluna do Castello

JORNAL DO BRASIL

Firma-se a opção conservadora



Com a saída do Sr. Bresser Pereira, que fora levado ao pódio ministerial pelas mãos do deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, o presidente José Sarney fez sua opção definitiva por uma política econômico-financeira conservadora

que não mais encontrará tropeços e embargos levantados pelos seus incômodos correligionários que dão a tonalidade esquerdista à cúpula do partido que tentou tutelar suas opções nas áreas vitais da administração pública. Isso afetará a curto prazo a situação interna e a negociação externa.

O manifesto dos empresários, a que seus aliados deram cobertura quase impositiva, respaldou na verdade o que o presidente pretendia fazer, que era rejeitar os impostos sobre rendimentos e ganhos de capital e com base nisso minimizar os cortes dos gastos públicos apresentados como alternativa à taxação proposta pelo ministro da Fazenda. Pouco importa que os novos impostos sejam levados como projeto ao Congresso Nacional, de maioria conservadora, que os rejeitará, nem que o ex-ministro tivesse sugerido um modesto elenco de cortes nas despesas públicas. A resistência aos cortes é da natureza do governo, que espera ainda dar curso a gastos programados, o que lhe será facilitado pelo alívio sofrido por aqueles que temiam perdas de rendimentos e de ganhos e se sentiam ameaçados pela idéia de criar imposto sobre patrimônio líquido de pessoas físicas.

Definida a qualidade conservadora da nova política econômico-financeira, liberada enfim das pressões do PMDB, o Sr. Mailson da Nóbrega, secretário-geral sob Bresser assim como já o fora sob Ernane Galvêas, pode exercer uma interinidade prolongada, tanto mais quanto alia a sua longa experiência burocrática e a sua ausência de compromissos ideológicos à condição de integrante da comunidade nordestina que o Sr. Sarney gostaria de ter no comando da política financeira. Se não ficar o Sr. Mailson, no entanto, não é relevante o nome do novo ministro, que será um empresário ou um especialista vinculado aos meios financeiros e imbuído portanto dos conceitos de preservar no país uma política vinculada à crença na eficácia do chamado capitalismo moderno. O Sr. Delfim Neto já enalteceu os conhecimentos do ministro interino e é sabida a vocação do Sr. Sarney de prolongar no tempo as interinidades no seu governo.

Dito isso, pareceria lógico que os "históricos" e "autênticos" do PMDB quisessem precipitar a declaração de rompimento do partido com o governo. Embora tênues, os laços persistem com a presença de ministros tecnicamente e até mesmo ideologicamente vinculados à corrente doutrinária dominante na cúpula do partido. Já o impacto provocado pelo *Centrão* ao recusar acordo na votação do regimento justificava o brado do senador Severo Gomes em favor do aprofundamento da crise. "Agora não temos mais por que esperar", disse ele. Com a saída do Sr. Bresser Pereira do Ministério da Fazenda, no qual, segundo o Sr. Ulysses Guimarães, defendia a preservação do programa do PMDB, os laços se desfariam não fossem os cuidados e as preocupações do presidente da agremiação em preservar até a promulgação da Constituição o *statu quo* entre o PMDB e o governo.

O Sr. Ulysses Guimarães entende que a situação não estará definida antes de conhecido o texto da nova Carta e dirimidas as controvérsias internas da Constituinte. Sua ênfase continua na prioridade da votação da nova Carta e na tentativa de abreviar esse ato. Por isso mesmo ele pretende sustar a ofensiva dos "históricos" de, na reunião de 9 de janeiro, convocar Convenção extraordinária para consumir o rompimento com o governo. Ao contrário da suposição do grupo ideológico, o Sr. Ulysses Guimarães não está sozinho. Ele tem a seu lado os governadores, que, salvo raras exceções, não desejam romper com o governo (alguns deles preferem uma inócua declaração de independência). E há também os deputados que, mesmo de esquerda, estão atentos à possibilidade de que, evitando o rompimento, se preserve, senão a unidade, a formação majoritária do PMDB para que possa atuar eficientemente na eleição municipal e eventualmente na eleição presidencial do próximo ano.

Deputados e senadores menos ansiosos, como o Sr. Néelson Jobim, do Rio Grande do Sul, alertam para o fato de que a decisão do partido deve obedecer à considerações de ordem nacional e não a impulsos de interesses locais. O partido deverá aguardar a prova dos nove do confronto com o *Centrão* e apurar sua própria maioria para preservar sua identidade e a posse da legenda. Na mesma linha devem estar atuando ministros como os Srs. Celso Furtado, Renato Archer e Luiz Henrique, que desempenham ainda um papel de relevo no governo do Sr. José Sarney. Os demais ministros são menos do PMDB do que do presidente, como o Sr. Aluizio Alves, Prisco Viana, Costa Couto, José Hugo Castello Branco, Anibal Teixeira, Jäder Barbalho, Íris Resende e Borges da Silveira, todos sem conflitos com o Palácio do Planalto.

Se o *Centrão* se consolidar, com sua poderosa fração de pemedebistas, poderá dar ao presidente cobertura a ser respaldada por essa equipe de ministros e por governadores como os Srs. Newton Cardoso e Orestes Quércia, que não têm veleidades ideológicas. Resta saber, entre os que querem romper e os que querem ficar, como se situará o campeão da unidade do PMDB, o sofrido deputado Ulysses Guimarães, que desembarcou esta manhã em Nova Iorque para merecido descanso.

Carlos Castello Branco